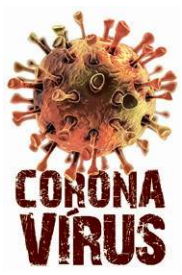
Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

Efeito é constatado pelo Centro de Controle de Doenças dos EUA, que considerou a aplicação de vacinas da Pfizer e da Moderna e o contágio pelas cepas ômicron e delta. Análises também indicam menor possibilidade de morte após as três doses

Reforço reduz risco de internação em até 94%



Doses de reforço das vacinas Pfizer e Moderna reduzem drasticamente o risco de internação de indivíduos infectados pela variante ômicron do novo coronavírus, assim como o de óbito. O efeito obtido após três inoculações foi observado em três estudos conduzidos por pesquisadores do Centro de Controle de Doenças (CDC), do governo dos Estados Unidos. De acordo com os autores, os dados são um alerta para que os não vacinados busquem os fármacos protetivos o mais rápido possível.

No primeiro estudo, publicado no Relatório Semanal de Morbidade e Mortalidade, a equipe do CDC analisou dados de mais de 300 mil hospitalizações, visitas a departamentos de emergência e a clínicas de atendimento de urgência em 10 estados norte-americanos, entre 26 de agosto de 2021 e 5 de janeiro de 2022. A investigação indica que as doses de reforço vacinal reduziram o risco de hospitalização em 94% na época em que a cepa delta era dominante no país, e em 90% após a ascensão da ômicron.

De acordo com o CDC, os não vacinados com idade entre 50 e 64 anos tinham cerca de 45 vezes mais risco de serem hospitalizados do que aqueles que completaram o ciclo de vacinação e receberam a dose de reforço. "Ficar muito doente significa que os idosos infectados podem precisar de hospitalização, terapia intensiva ou um ventilador para ajudá-los a respirar, podendo até morrer. O risco aumenta para pessoas na faixa dos 50 anos e aumenta nos 60, 70 e 80 anos. Se vacine o mais rápido possível", enfatiza o CDC, em seu site.

Sintomas

A segunda pesquisa avaliou os casos de covid-19 e as taxas de mortalidade em 25 estados desde o início de abril de 2021 até o Natal. Observou-se que pessoas não vacinadas tiveram um risco 53 vezes maior de morte devido à infecção pelo novo coronavírus. Na mesma linha, o terceiro estudo tem como base informações de pessoas que testaram positivo para a covid-19 entre 10 de dezembro de 2021 e 1º de janeiro de 2022, em mais de 4.600 centros médicos dos Estados Unidos. Nesse caso, o reforço vacinal foi cerca de 67% eficaz contra doenças sintomáticas relacionadas à variante ômicron, quando comparado a pessoas não imunizadas.

Duas doses surtiram em uma proteção menor (cerca de 50%) contra os sintomas gerados pela nova cepa. "Isso realmente mostra a importância de obter uma dose de reforço (…) À medida que continuamos a enfrentar essa nova variante, peço a todos que são elegíveis para receber sua dose de reforço que a obtenham o mais rápido possível", afirma, em comunicado, Emma Accorsi, pesquisadora do CDC e uma das autoras do estudo, publicado no periódico *Journal of the American Medical* (*Jama*).

Em entrevista ao jornal The New York Times, Akiko Iwasaki, imunologista da Universidade de Yale e não participante dos estudos, afirmou que os resultados obtidos são similares aos de investigações semelhantes conduzidas na Alemanha, na África do Sul e no Reino Unido. "Agora, vimos isso de forma mais clara também nos Estados Unidos, e esses números são bastante convincentes", avalia.

ORLANDO SIERRA



A vulnerabilidade dos não vacinados aumenta conforme a idade: entre 50 e 64 anos, o risco de internação é 45 vezes maior

Revisão mostra que a deltacron não existe

No início de janeiro, pesquisadores do Chipre anunciaram a descoberta de uma nova cepa do novo coronavírus que recebeu o apelido de deltacron, por apresentar elementos presentes nas variantes delta e ômicron. A notícia se propagou, assim como o temor quanto ao surgimento de uma versão do Sars-CoV-2 ainda mais potente. Os dados foram revisados por outros cientistas, que apontam, em um artigo publicado na revista especializada *Nature*, inconsistências nas análises genômicas realizadas.

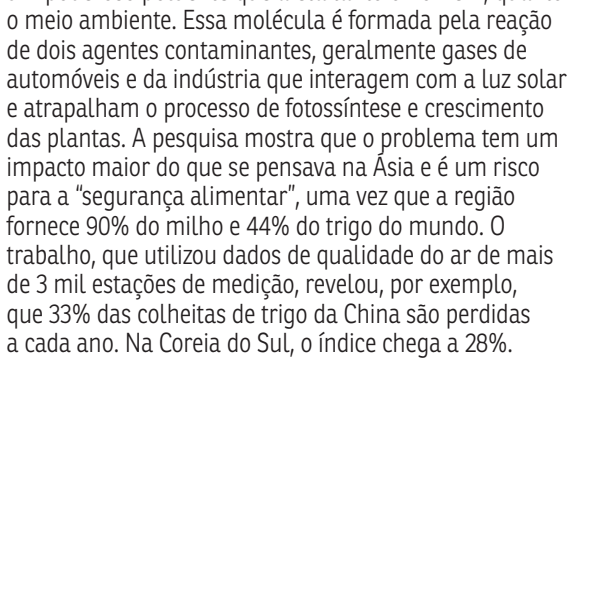
O virologista Leondios Kostrikis, da Universidade do Chipre, anunciou, na televisão local, que seu grupo de pesquisa havia identificado vários genomas de Sars-CoV-2 que apresentavam elementos das duas mais recentes variantes do patógeno. Logo em seguida, o grupo enviou 25 das sequências genéticas para um popular repositório público de dados científicos. O resto do material foi enviado semanas depois.

A reação da comunidade científica foi rápida. Muitos especialistas declararam, tanto nas redes sociais quanto na imprensa, que as 52 sequências não apontavam para uma nova variante e não eram resultado de recombinação — o compartilhamento genético de informações — entre vírus. Provavelmente, eram fruto de contaminação em laboratório. "Não existe deltacron. Ômicron e delta não formaram uma supervariante", escreveu, no Twitter, Krutika Kuppalli, membro da equipe técnica contra covid-19 da Organização Mundial da Saúde (OMS), dois dias depois do anúncio feito por Kostrikis.

O artigo publicado, agora, na *Nature* relata que as sequências da deltacron foram registradas por conta de um erro no laboratório que fez com que alterações presentes na delta parecessem sequenciadas em conjunto com a ômicron. "Esse gene da delta não permite outras ligações em si. Portanto, a ômicron não apresenta essa mutação", explica Jeremy Kamil, virologista da Louisiana State University, nos Estados Unidos, e um dos integrantes da equipe revisora.

Depois do artigo, Kostrikis declarou que aspectos de sua hipótese original foram mal interpretados e que "apesar do nome confuso que alguns meios de comunicação tomaram para significar que as sequências eram as de um vírus recombinante delta-ômicron", ele não havia dito que as sequências representavam um híbrido. Esse fenômeno já tinha sido cogitado outras vezes. Em dezembro, por exemplo, pesquisadores da farmacêutica Moderna, que tem uma vacina contra a covid-19, cogitaram o surgimento da variante apelidada de delmicron devido ao aumento de casos da doença na América do Norte. Essas e outras suspeitas não foram confirmadas.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana



SEGUNDA-FEIRA, 17

OZÔNIO COMPROMETE AGRICULTURA NA ÁSIA

Estudo publicado na *Nature Food* destaca que os altos níveis de poluição por ozônio na Ásia causam perdas nas safras de arroz, trigo e milho estimadas em US$ 63 bilhões por ano. O ozônio é um gás que forma uma camada protetora ao redor da Terra, mas que, ao nível do solo, é um poderoso poluente que afeta tanto o homem, quanto o meio ambiente. Essa molécula é formada pela reação de dois agentes contaminantes, geralmente gases de automóveis e da indústria que interagem com a luz solar e atrapalham o processo de fotossíntese e crescimento das plantas. A pesquisa mostra que o problema tem um impacto maior do que se pensava na Ásia e é um risco para a "segurança alimentar", uma vez que a região fornece 90% do milho e 44% do trigo do mundo. O trabalho, que utilizou dados de qualidade do ar de mais de 3 mil estações de medição, revelou, por exemplo, que 33% das colheitas de trigo da China são perdidas a cada ano. Na Coreia do Sul, o índice chega a 28%.

TERÇA-FEIRA, 18

ONÇAS E LEÕES COM COVID-19

Onças-pardas e três leões que vivem em cativeiro em um zoológico na África do Sul foram infectados pelo coronavírus, possivelmente por funcionários assintomáticos, mostrou um estudo realizado pela Universidade de Pretória. A transmissão do vírus de humanos para animais "representa um risco para os grandes felinos em cativeiro", alertaram os pesquisadores. Segundo o trabalho, os testes de PCR em felinos resultaram positivos até sete semanas após a contaminação, o que sugere que os animais podem ser afetados por "uma forma mais grave da doença". A investigação teve início depois que três leões na África testaram positivo para a covid-19 no ano passado. Eles apresentavam sintomas semelhantes aos dos humanos: dificuldades respiratórias, coriza, tosse. Uma leoa desenvolveu pneumonia. Em 2020, duas onças-pardas com sinais de anorexia, diarreia e coriza também testaram positivo para a doença. Elas se curaram em três semanas.

QUARTA-FEIRA, 19

PRIMATAS AMEAÇADOS

Sete espécies de primatas da América Latina, que vivem na Argentina, Brasil, Equador, Peru e uma encontrada do México à Colômbia, estão entre as mais ameaçadas do mundo, de acordo com um painel de especialistas da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Segundo o levantamento, o desmatamento e a caça, além das doenças, estão dizimando as populações de primatas na região. O titi (ou zogue-zogue) de Alta Floresta, do Brasil, aparece pela primeira vez na lista que é atualizada a cada dois anos. Além dele, estão em risco espécies como o titi-de-cabeça-amarela, o macaco-prego-kaapori e o macaco-aranha-de-cabeça-marrom, elencou a equatoriana Stella de la Torre, organizadora do Congresso da Sociedade Internacional de Primatologia que se reuniu em Quito para fazer um inventário parcial. Completam a lista o macaco-prego equatorial, o bugio-marrom e o macaco-aranha da América Central. Todas essas variedades fazem parte das 25 mais ameaçadas do mundo, entre as quais também aparecem espécies da África e da Ásia.

QUINTA-FEIRA, 20

CORAIS GIGANTES NO TAITI

Cientistas celebraram a descoberta de um recife de corais gigantes em forma de rosa e em bom estado de conservação a mais de 30 metros de profundidade ao longo de Taiti. Trata-se de um achado importante, especialmente, diante do retrocesso desses ecossistemas devido à mudança climática. "É um dos maiores recifes de coral do mundo a mais de 30 metros de profundidade", disse a Unesco, que apoiou a missão científica. "O estado impecável dos corais em forma de rosa e a extensão da área que cobrem os tornam uma descoberta muito rara", acrescentou. O recife tem três quilômetros de comprimento, entre 30-65 metros de largura e entre 35-70 metros de profundidade. Alguns corais medem dois metros de diâmetro. "Esses corais não apresentam sinais de estresse nem de doença", ressaltou Laetitia Hedouin, bióloga marinha e especialista em corais do centro de pesquisa francês CNRS e do órgão de pesquisa internacional Criobe. A expedição aconteceu em novembro de 2021, mas o anúncio só foi feito agora.

AFP

